

O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA PARA AS CRIANÇAS: O QUE OS LIVROS DE LITERATURA TÊM A OFERECER?

Letícia Kondo¹

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto²

Eixo temático 6:

Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens

Resumo: Perante o cenário educacional brasileiro, as aulas de língua materna e adicionais têm, desde os primórdios, fomentado o aborto de momentos dialógicos. As crianças têm sido afastadas de uma educação contextualizada e emancipadora, sendo mergulhadas no ensino da língua morta, encarnada em enunciados prontos, com sentidos únicos e capazes apenas de transmitir ensinamentos gramaticais. A linguagem distancia-se de seus aspectos essenciais, abandonando sua natureza social e se tornando objeto pronto, do qual as crianças não têm parte na constituição. Torna-se necessário revisitar os pensamentos dos filósofos russos da linguagem, Bakhtin, Volóchinov e Medviédev; para que a escola e professores sejam capazes de se libertar e enxergar possibilidades outras para o ensino da linguagem aos pequenos aprendizes. Deste modo, este trabalho busca defender as contribuições dos livros literários infantis para um ensino da Língua Inglesa humanizador e significativo. Para tanto, recorreremos à obra “Voices in the park”, escrita por Anthony Browne, a fim de instigar novas perspectivas para a Educação.

Palavras-chaves: Literatura infantil; Língua inglesa; Filosofia da linguagem.

¹Mestranda em Educação pela UNESP-Marília. Professora de inglês da Prefeitura de Marília para alunos do Ensino Fundamental, anos iniciais. Contato: leticiakondo_k@hotmail.com

²Livre-docente em Leitura e Escrita pela UNESP. Professora da UNESP-Marília, junto ao Departamento de Didática. Contato: cyntiaunespmarilia@gmail.com

Introdução

Ao refletirmos sobre o processo de Educação Escolar oferecido às crianças, torna-se fundamental repensar o lugar no qual a Literatura e as Artes, em geral, têm ocupado nas salas de aula, bibliotecas e pátios, pois inseridas de forma adequada no contexto escolar, a Literatura e as Artes conseguem proporcionar um ensino emancipador e humanizador, afastando, assim, os estudantes do processo mecânico de alfabetização imposto.

Em conformidade com as reflexões dos filósofos russos da linguagem (Bakhtin, Volóchinov e Medviédev), é possível afirmar que somos seres constituídos socialmente e inacabados. Por meio da linguagem nos colocamos no mundo. A partir das constantes relações de interação, dos encontros e das conversas somos capazes de realizar trocas sociais e, desta forma, movimentar o curso dos acontecimentos. Fora da linguagem não há movimento, não há possibilidade de afetar e ser afetado.

Volóchinov (2017) escreve cuidadosamente acerca das palavras neutras e signos ideológicos. De acordo com o autor, as palavras quando esvaziadas do social são puramente neutras, podendo assumir diferentes funções ideológicas ao circular pelas diversas esferas da vida. Já os signos ideológicos, são as palavras impregnadas do cotidiano, refletindo e refratando uma realidade. Logo, os signos surgem para cumprir uma função ideológica específica e “(...) em torno de todo signo ideológico se formam como que círculos crescentes de resposta e ressonâncias verbais.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.101).

Faz-se, assim, necessário desvelar a importância de um segundo nascimento do homem, o nascimento social (VOLÓCHINOV, 2019), o qual nos torna indivíduos únicos no mundo, com projetos de dizer também únicos. A escola, como lugar social e favorável para o desenvolvimento das capacidades humanas, deveria colaborar neste acontecimento, a fim de proporcionar aos alunos momentos realmente significativos de uso da linguagem (germinando ecos e ressonâncias verbais com o já dito e com o que ainda poderá ser dito na cadeia de enunciados), pois é apenas pela presença de enunciados vivos que os alunos se tornarão sujeitos reflexivos e ativos na sociedade.

No entanto, tendo em vista as diretrizes assumidas pelas escolas brasileiras há anos, podemos perceber que o ensino de palavras esvaziadas e proferidas já mortas perpassa os componentes curriculares e ambientes escolares, distanciando os alunos da experiência emancipadora de troca de signos. Sob essa perspectiva, as recorrentes atividades de cópia, ditado e interpretações de texto reducionistas são exemplos de práticas negativamente impactantes para as crianças, as quais pouco têm a promover para estas realizarem seus projetos de dizer.

Assim, as crianças têm sido encorajadas apenas a reconhecer sinais, ao invés de compreender signos e, portanto, apresentam dificuldades também para se tornarem leitores maduros (GIROTTI & SOUZA, 2010, p.41). Nesse sentido, Arena (2010), considera que

Os pequenos leitores de literatura infantil se formam como leitores porque aprendem a ler, não porque pronunciam as palavras, nem porque as veem, mas porque estabelecem ligações entre o conjunto de sentido por elas formado e o conjunto de sentidos que constituem suas experiências de vida.

Assim, confirma-se a necessidade de afastamento das práticas leitoras de decifração através de letras, sílabas e sons. Ler não é um processo linear, não lemos palavra por palavra, muito menos apenas para extrair sons. Ler é sempre um projeto pessoal de cada leitor, é a busca por respostas às perguntas geradas na mente de cada um. Desta forma, durante a leitura, envolvemos troca e buscamos a construção de sentidos únicos e irrepetíveis que possibilitarão exercermos nosso ato de resposta aos enunciados provocados.

Além das discussões sobre linguagem, ensino escolar e leitura, o ensino de línguas adicionais proporcionado às crianças brasileiras parece reforçar os mesmos sinais de ensino reificado e pouco emancipador, já que os professores preocupados com transmissão de conteúdos e aspectos gramaticais da língua anulam oportunidades de vivências significativas e libertárias. Passemos, então, a algumas informações acerca do ensino da Língua Inglesa no contexto educacional brasileiro.

2 A Língua Inglesa e os Livros Literários Infantis

A oferta do ensino de línguas adicionais às crianças tem se tornado uma

realidade bastante comum no cenário educacional brasileiro. Devido a fatores globais, a língua inglesa (LI) tem, cada vez mais rápido, chegado até as escolas de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, muito embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) oficialize apenas como obrigatório o ensino da LI aos alunos do Ensino Fundamental ciclo II e Ensino Médio.

As crescentes iniciativas de escolas privadas e municipais apontam a necessidade de repensarmos o papel do professor de LI perante os pequenos aprendizes, já que a não oficialização deste ensino acarreta prejuízos na formação básica destes profissionais, por muitas vezes despreparados para lidar com público e suas particularidades.

Galvão (2019) mapeou, dentre o currículo dos cursos de Letras das universidades federais brasileiras, a presença de disciplinas específicas voltadas para a formação de professores de LI para crianças. A pesquisadora conseguiu constatar que das 63 universidades federais, 10 apresentam iniciativas neste sentido. Apesar deste número reduzido, percebemos indícios de singelos avanços na formação inicial destes profissionais atuantes com o público infantil.

Sabemos que há muito ainda a ser lapidado e o caminho a ser percorrido é longo, pois o inglês até o presente momento vem sendo transmitido em muitas escolas como a língua do outro, a língua estrangeira que não faz parte de nossa cultura. Por isso, atividades pouco significativas e voltadas apenas para a memorização de vocábulos soltos e estruturas gramaticais rígidas continuam a favorecer o distanciamento entre os alunos e a apropriação da linguagem, tida como emancipadora e favorável à alteridade, ao encontro do outro e capaz de nos completar (BAKHTIN, 2011).

Assim, livros, poesias, música, dança, pintura, escultura etc. não devem ser vistos como meros objetos ou coadjuvantes do processo de constituição humana; eles são os próprios sujeitos outros que perpassam os caminhos, nos fazem pensar e é para estes outros que falamos o que pensamos a fim de nos modificarmos.

Defendemos, portanto, um ensino de línguas embasado em aspectos dialógicos e no despertar o gosto dos pequenos pelas diferentes línguas e culturas. Acreditamos que os livros literários possam ser possíveis mediadores neste caminho de ensino/aprendizagem, no qual sujeitos possam ser afetados e, como

consequência, provoquem contrapalavras. Desta forma, escolhemos explorar o livro literário infantil *Voices in the park*, em seus aspectos estéticos, linguísticos e visuais; a fim de percebermos as riquezas de vozes presentes na Literatura e Artes. Seguimos com uma breve apresentação do autor.

3 Anthony Browne

Anthony Browne é um renomado escritor e ilustrador inglês. Nascido no ano de 1946 em Sheffield (Yorkshire), desde criança já apresentava habilidades para desenhar e contar histórias. Browne relata que em sua infância costumava inventar histórias sobre um personagem chamado Big Dumb Tackle e contá-las aos clientes que frequentavam o pub de seus pais em West Yorkshire.

Anthony estudou design gráfico em Leeds College of Art e, por motivos financeiros, iniciou sua carreira com ilustrações de cirurgias médicas para Manchester Royal Infirmary. Porém, após ter passado três anos nesta profissão, Browne decidiu abandoná-la e se tornar um designer de cartões.

Sua primeira obra como escritor e ilustrador data em 1976 com o livro infantil *Through the Magic Mirror*, mas é apenas em 1983 com a publicação de “Gorila” (Gorilla) que Browne recebe grande notoriedade. “Gorila” narra a história de uma garota (Hannah) e seu atarefado pai: Hannah é uma menina fascinada por gorilas e que almeja ver um deles de verdade, no entanto, seu pai está sempre muito ocupado ou cansado para levá-la ao zoológico. Na noite anterior de seu aniversário, Hannah ganha de seu pai a versão de um gorila de pelúcia, inusitadamente, durante aquela noite a pelúcia ganha vida e se torna um animal de verdade que atende ao desejo de levá-la ao passeio ao zoológico.

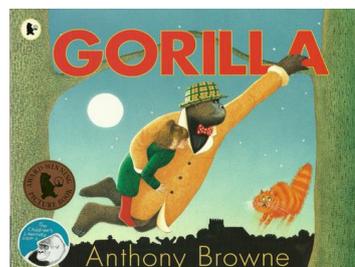
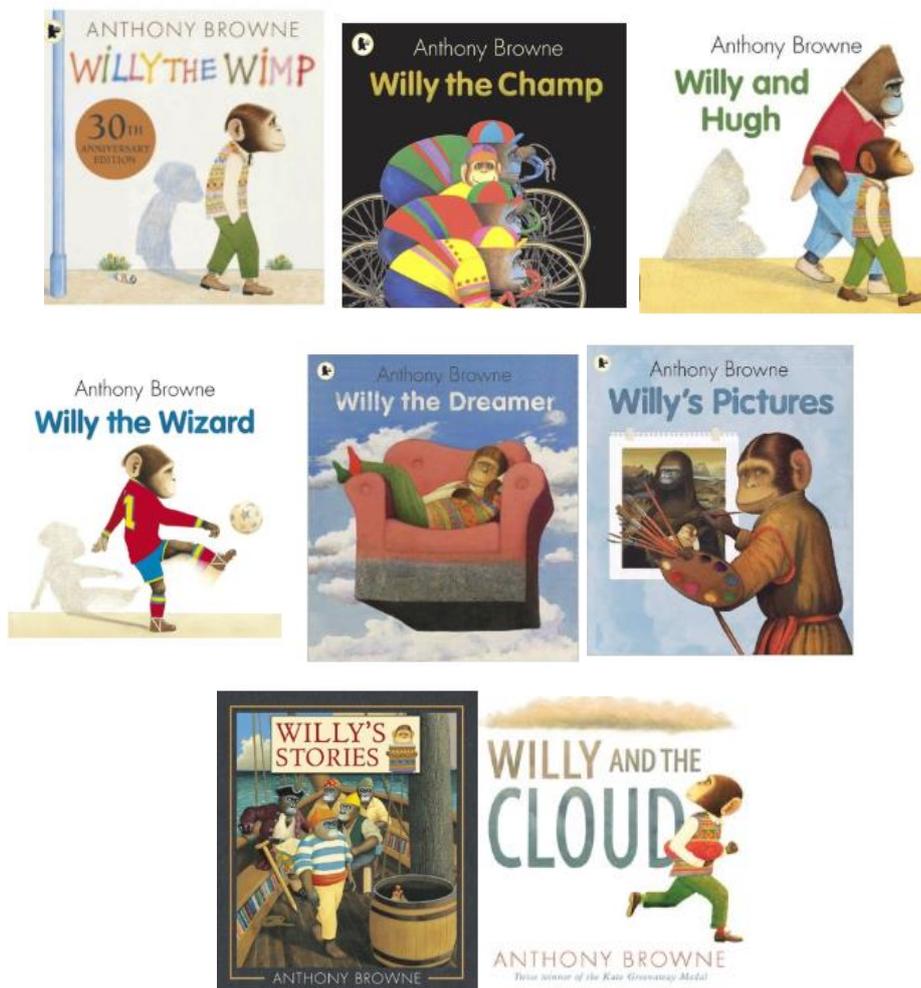


Figura 1 – Fonte: Website “*Tes.com*”

Uma dentre as características marcantes nas obras de Anthony é a presença de animais como personagens principais e vários de seus livros trazem protagonistas representados por gorilas. “Willy, o tímido” (Willy the Wimp), livro lançado em 1984, divulga um amigável e tímido personagem gorila que se tornou um verdadeiro sucesso entre o público infantil e lhe rendeu diversas continuações: Willy the Champ (1985), Willy and Hugh (1991), Willy the Wizard (1995), Willy the Dreamer (1997), Willy’s pictures (2000), Willy’s stories (2014) e sua versão mais recente Willy and the Cloud (2016).



Figuras 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 – Fonte: Website “Anthonybrownebooks.com”

As fascinantes e detalhadas ilustrações, bem como as mensagens afetivas presentes nos livros de Browne, resultaram em numerosas homenagens ao autor, entre as quais dois prêmios no Kate Greenaway Medal. Foi três vezes ganhador no Kurt Maschler 'Emil' Award e, em 2000, foi o primeiro ilustrador inglês a receber o

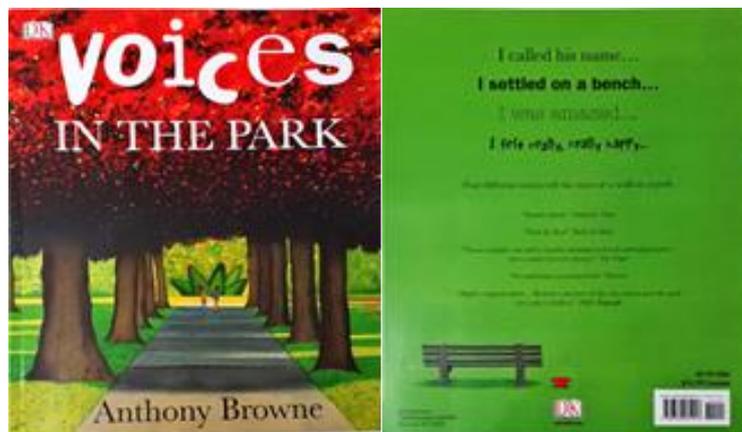
prêmio Hans Christian Andersen (uma das mais importantes premiações para criadores de livros infantis) por suas importantes contribuições na literatura infantil.

4 Cohecendo a Obra

Voices in the Park foi publicada em 1998 e, nesse mesmo ano, ganhadora do prêmio Kurt Maschler, prêmio literário Britânico de reconhecimento aos autores de livros infantis cujas imagens e texto escrito destacam-se pela integridade e equilíbrio.

O texto de Browne apresenta ao leitor uma narrativa fragmentada por quatro diferentes vozes, as quais o autor nomeia por: primeira voz, segunda voz, terceira voz e quarta voz. Estas narram o mesmo episódio, um passeio pelo parque, no entanto, em cada uma delas podemos identificar perspectivas completamente distintas a respeito deste evento.

4.1- Análise da capa e quarta capa:



Figuras 10 e 11 - Fonte: BROWNE, 2011

A capa nos traz a bela imagem de um parque com a grama bastante verde e repleto de árvores, cuja coloração predominantemente vermelha nos indica que a história provavelmente acontece no outono. Ainda, é possível perceber ao fundo da imagem (utilização da técnica da profundidade em espaços) a presença de duas

crianças que se olham e, em um gesto carinhoso, o menino oferece uma flor à menina. Perto deles, canto direito da capa, temos dois cachorros que correm juntos pelo parque.

A escolha por utilizar formas gráficas distintas no título não é aleatória, elas formam um contraste entre uma fonte de letra mais descontraída e outra totalmente formal. A palavra “Voices” está escrita predominantemente de maneira arredondada e irregular, o que poderia ser a grafia de uma criança que utilizou um pincel e tinta ao escrever; todavia, as palavras “in the park” apresentam-se em fonte Times New Roman, formato totalmente padronizado e metódico. Porém, podemos perceber que ambas se cruzam e se complementam para formar o título, como acontecerá com os personagens na história: vindos de realidades divergentes, irão se encontrar e, a partir desse encontro, vivenciar um momento único.

A quarta capa segue o padrão de cores apresentado na capa, expõe um grande fundo verde, sendo, então, a continuação da grama do parque. Deste outro lugar podemos visualizar um banco de madeira vazio e, ao seu lado, um chapéu vermelho, como a coloração das folhas das árvores, caído. Desse modo, nota-se que a perspectiva visual é a de alguém que observa a cena por trás.

Os escritos ao topo da quarta capa (*I called his name... / I settled on a bench... / I was amazed... / I felt really, really happy...*)³ representam 4 inícios de fala a serem finalizadas (uso de reticências). Em cada uma delas podemos constatar uma grafia diferente, levando-nos a crer que a história apresentará quatro personagens e que, em algum instante da narrativa, tais locuções serão enunciadas.

4.2- Abrindo o livro

O livro não apresenta guardas. Ao abri-lo, nos deparamos com os elementos da folha de rosto que retomam cenários da capa e quarta capa. O título volta a aparecer com as mesmas características anteriores e o chapéu vermelho, ora caído ao lado do banco, aparece em posição de destaque, centralizado na página. A quem ele pertence? A próxima página nos traz a resposta.

³ “Eu o chamei pelo nome... / Eu afundei em um banco... / Eu fiquei maravilhado... / Eu me senti muito, muito feliz...” – Tradução própria.

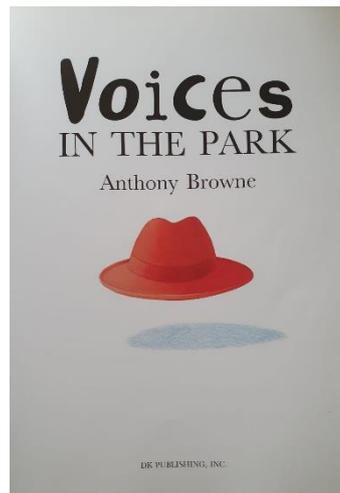


Figura 12 - Fonte: BROWNE, 2011

É a partir da primeira voz narrativa que encontramos a dona do chapéu, a cena enquadrada por molduras, assemelhando-se a um quadro ou fotografia, nos permite identificar uma senhora usando o objeto mencionado. Ela se encontra muito bem-vestida (casaco de inverno com botões dourados, brincos dourados, colar de pérolas, lenço amarrado no pescoço e botas de cano alto com salto), apresenta uma postura bastante ereta, aparência emburrada e porta um cachorro, que descobrimos a partir do texto escrito ser da raça Labrador e chamar-se Victoria. Ao seu lado, vemos timidamente a figura de seu filho, Charles. Na paisagem, notamos a grande e bela casa em que moram, bem como, a presença de árvores semelhantes às da capa.

A posição de destaque dos elementos postos na cena anuncia a relação de valor que a narradora atribui a eles. Em primeiro plano, surge a bela e grande casa que possui; em segundo plano, avistamos a figura do cão de raça; e por último, quase imperceptível, temos a presença de Charles. Assim, a relação de maior valor é atribuída aos bens materiais.



Figura 13 - Fonte: BROWNE, 2011

Ao seguirmos o passeio pelo parque junto à voz da sofisticada senhora, constatamos a repetição das cenas emolduradas e árvores com folhas laranja. Sua narração nos permite detectar traços marcantes de rigidez em sua personalidade. Sob esse viés, ao dirigir a fala ao seu filho Charles, na terceira cena, ela mais parece estar operando comandos a um cachorro: “*Sit*”, *I said to Charles. “Here”*. / “Sente-se”, eu disse ao Charles. “Aqui”⁴. Torna-se evidente o distanciamento entre mãe e filho: sentados no mesmo banco, eles não trocam olhares e palavras. Charles, de braços cruzados, observa o que está acontecendo a sua esquerda; nossa narradora, com as mãos entrelaçadas, mantém os olhos fechados e a feição emburrada.

As cenas quatro e cinco marcam o ponto de desequilíbrio em sua trajetória, a sofisticada senhora, ao abrir os olhos, verifica a ausência de Charles e começa a gritar por seu nome. As árvores do parque parecem acompanhá-la, pois esboçam a fisionomia do susto vivenciado pela personagem e, logo em seguida, movimentam-se para fora do quadrante em direção aos longos e altos gritos. Assim, o que antes estava sobre o controle da personagem e guardado em segurança por molduras, perde-se e foge do enquadramento.



Figuras 14 e 15 - Fonte: BROWNE, 2011

O equilíbrio é retomado logo depois, ao avistar o instante que dá origem à capa do livro, a personagem consegue se estabilizar, apesar do incômodo gerado pela figura da “*very rough-looking child*” (criança bem mal vestida)⁵ perto de Charles.

A narração se fecha, mãe, filho e Victoria seguem juntos para casa, porém os olhos voltados para baixo de Victoria e Charles não negam a tristeza que sentem por estarem retornando. Conforme a cena inicial, a figura do menino encontra-se

⁴ Tradução própria.

⁵ Tradução própria.

escondida atrás de sua mãe, apenas conseguimos identificar seu rosto descontente. Pelo caminho, folhas secas de outono vão sendo deixadas como marcas dos passos da sofisticada senhora.

As páginas seguintes estabelecem um contraste com a narrativa anterior: se antes pudemos verificar imagens emolduradas e muito eretas, como a postura da personagem; neste instante, esbarramos com a imagem flutuante da segunda voz narrativa sentada em uma poltrona desalinhada, cabeça escorada na mão direita, fisionomia desanimada e um fundo completamente branco. O único elemento que ajuda a preencher esse vazio completo é a presença discreta do cachorro deitado atrás da poltrona.



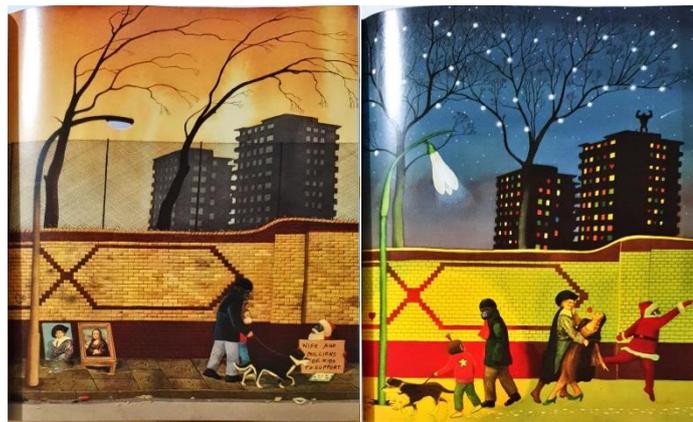
Figura 16 - Fonte: BROWNE, 2011

Nosso personagem encontra-se vestido com roupas típicas de trabalhadores braçais: macacão simples e sujo, botas tipo coturno e camisa branca já bastante amarelada. Os detalhes e paisagem da segunda cena (estilo dos prédios e muro, calçada desgastada e suja, rato no canto esquerdo atrás de restos de comida) comprovam que nosso narrador, a filha e o cachorro pertencem a uma realidade absolutamente diversa da personagem anterior.

É notável que a segunda narrativa se sustenta por meio de cores escuras, carregando, portanto, uma atmosfera sombria e pesada. Se nas cenas anteriores presenciávamos um belo dia de céu azul; agora, parece ser noite. As árvores encontram-se com os galhos totalmente secos, as folhas do outono se foram, a vida do personagem parece estar seca e escura como estes elementos. O quinto momento nos revela a preocupação do personagem, em um gesto de esperança, ele lê os anúncios do jornal a procura de um emprego. Ademais, até mesmo o jornal é usado

na cena para intensificar o sentimento da angústia vivida, pois ele traz a ilustração do quadro “O Grito” de Edvard Munch em destaque na manchete.

A narrativa se fecha com o retorno do pai (que pela primeira vez esboça um sorriso) filha (Smudge) e animal de estimação para casa. Ao caminharem no sentido contrário ao da segunda cena (vide figura 17), constatamos que os sentimentos não são os mesmos, o que antes encontrava-se sujo, sem luz e vida; nesta cena (vide figura 18), nos mostra traços de brilho e esperança:



Figuras 17 e 18 - Fonte: BROWNE, 2011

A terceira voz a se apresentar é a de Charles, nos deparamos com sua imagem solitária dentro de casa a assistir o mundo exterior pela janela. Como na primeira narrativa, identificamos o retorno das imagens enquadradas e a valorização do alinhamento, paredes e chão da casa encontram-se tão bem alinhados que chegam a formar desenhos padronizados. Ainda nesta imagem de abertura, percebemos que a forte presença das paredes recorda o distanciamento entre mãe e filho: há muros que os separam e não os deixam ter uma relação carinhosa.



Figura 19 - Fonte: BROWNE, 2011

Chegando ao parque, Charles, cercado pela sombra de sua mãe, analisa de longe todos se divertirem. Seria este mais um passeio como os de costume? A terceira cena nos prova que não! Ao ser abordado pelo convite de Smudge, Charles deixa-se guiar pela companheira e, juntos, partem em busca de diversão.

É a partir do contato com Smudge que a percepção de Charles se transforma, pois objetos e cenas já não são os mesmos: imagens vão saindo dos enquadramentos e se tornam livres; objetos e cenários ganham cores vivas, árvores ganham flores, estátuas rígidas de granito ganham características divertidas e o céu nublado torna-se azul. Logo, Charles deixa-se contaminar pela vivacidade e energia de Smudge, tudo passa a ter uma nova perspectiva e significação após esse encontro.

A cena final mostra o retorno de Charles acompanhado de sua mãe e Victoria. Apesar do triste sentimento de vazio, ele apresenta esperança de que haverá mais dias felizes como aquele. Seu andar, discrepante ao de sua mãe (cena de fechamento da primeira voz narrativa), deixa pétalas de flores pelo caminho, as árvores não estão mais completamente secas e a estátua do cupido aponta a flecha em sua direção.

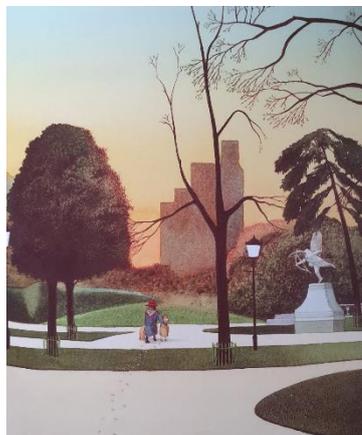
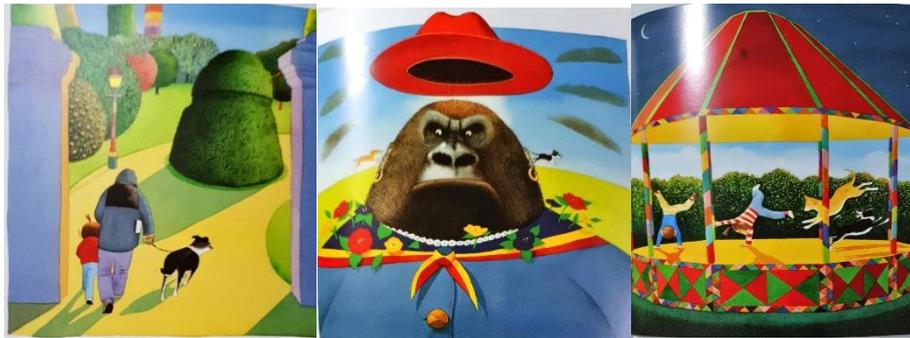


Figura 20 - Fonte: BROWNE, 2011

A última narração, produzida por Smudge, retrata o vigor, criatividade e fantasia das crianças. Embora vivencie uma dura situação financeira, o mundo projetado pela garotinha não é afetado por tais preocupações, pois constatamos a presença de cores vibrantes e do lúdico (árvores ganham formatos inusitados, estátuas são personificadas e tornam-se interativas).

Smudge nos conta aquilo que vê sem formar julgamentos, seus pensamentos não são contaminados de pré-conceitos entre distintas classes sociais. A leveza em sua fala e comportamento nos guia a um prazeroso passeio pelo parque, pleno de descobertas. Assim como Charles, Smudge também é afetada pelo encontro vivenciado.



Figuras 21, 22 e 23 - Fonte: BROWNE, 2011

5 O olhar acerca das diferentes vozes

Em consonância com reflexões de Bakhtin (2011) quanto ao que se dá na vida alcança a literatura, podemos observar a preocupação de Anthony em nos posicionar frente às críticas sociais. Desta maneira, o modo como as relações humanas são tratadas ganha força em cada uma das vozes e, a partir delas, entramos em contato com novos elementos capazes de ampliar nossa visão acerca de tais questões.

A cena quatro, na narração da mãe de Charles, deixa evidente a segregação das pessoas pelas classes econômicas a que pertencem. Se desde a apresentação da sofisticada senhora o autor já nos dava pistas quanto sua personalidade fria, sua valorização de bens materiais e a incapacidade de se relacionar com aqueles que não possuem uma boa condição financeira, o 4º momento escancara tal condição: o poste posicionado entre os personagens salienta a condição imposta. O objeto delimita a separação entre os mundos em que habitam.



Figura 24 - Fonte: BROWNE, 2011

No entanto, a posição do objeto na narração de Charles (cena 3), nos traz esperança. A mudança no ângulo da imagem nos mostra a possibilidade de alteração/alargamento, o poste não separa os personagens, desta forma, Charles não repete a atitude de sua mãe e, assim, não impõe obstáculos para se relacionar com o outro. A separação na imagem dá-se entre o mundo solitário em que Charles habita e o novo que está por vir ao entrar em contato com Smudge.



Figura 25 - Fonte: BROWNE, 2011

Podemos ainda perceber que a estrutura narrativa das vozes 2 e 3 (pai de Smudge e Charles) seguem o mesmo padrão de abertura e fechamento: iniciam a história com traços de tristeza e desesperança, porém, ao serem contagiados pela leve presença de Smudge, terminam suas trajetórias modificados, exibindo traços de brilho e vida em seus passos (vide figuras 18 e 20). Entretanto, o mesmo não ocorre com a primeira voz narrativa, a mãe de Charles inicia o passeio e o encerra com os mesmos sentimentos. Ao colocá-la predominantemente de olhos fechados nas cenas, o autor já nos revela a condição de não modificação, de não conseguir abrir-se ao novo e, assim, de não se deixar contaminar.

Ousamos, inclusive, ampliar as perspectivas e indicar a presença de pelo menos mais uma voz, a 5ª voz, ou seja, a voz do leitor que se debruça sobre o texto escrito e visual criado por Browne e, a todo momento, estabelece um diálogo repleto de sentidos, conexões e inferências com o livro.

Em concordância com Medviédev (2012),

A palavra torna-se um material do enunciado apenas como expressão da avaliação social. Por isso, a palavra entra no enunciado não a partir do dicionário, mas a partir da vida, passando de um enunciado a outros. A palavra passa de uma totalidade para outra sem esquecer o seu caminho. Ela entra no enunciado como uma palavra da comunicação (...). (p.185)

concluimos que as palavras presentes no texto literário de Browne são próprios enunciados vivos, carregados de vozes e em busca de vozes outras que o complete. Assim, a polissemia de significados faz desta obra uma verdadeira leitura emancipadora, que aponta caminhos para um ensino/aprendizagem que ultrapasse o trabalho com palavras mortas, retiradas do dicionário, e circule pelos signos em arena na vida.

6 Considerações Finais

A riqueza dos elementos visuais presentes em *Voices in the park* permite inúmeras leituras da obra. A cada retorno à narrativa torna-se possível descobrir novas informações deixadas pelo autor; essas, muitas vezes, passam despercebidas aos olhos dos mais amadurecidos, mas sempre perceptíveis aos olhares aguçados dos pequenos leitores.

Torna-se, ainda, evidente o trabalho estético e cuidadoso de Browne. Ao apresentar as 4 diferentes vozes narrativas, o autor consegue construir elementos o suficiente para que possamos entender muito mais dos personagens através da forma com que estes veem o mundo ao seu redor do que com suas próprias palavras.

Assim, as vozes criadas pelo autor inglês potencializam o sentido da categoria “alteridade” presente nos estudos dos filósofos da linguagem russos, pois ao vivenciarem encontros únicos com o outro(s) que os cercam, eles se permitem constituir e se alterar por meio das interações vivenciadas, atribuindo novos sentidos e ressignificando as relações estabelecidas.

Referências

ARENA, Dagoberto Buim. *A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo escrito*. In: Souza, Renata Junqueira de. **Ler e Compreender: Estratégias de Leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BROWNE, Anthony. **Voices in the park**. DK Publishing: Nova Iorque, 2011.

GALVÃO, Ana Sara Manhabusque. **English Teacher Education and Early Childhood Education: Mapping of Brazilian Federal Universities**. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de (org.). *Estratégias de leitura: para ensinar os alunos a compreender o que leem*. In: Souza, Renata Junqueira de. **Ler e Compreender: Estratégias de Leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

Website: *Anthony Browne Books*
Disponível em: <http://www.anthonybrownebooks.com>
Acesso em: 20 de dezembro de 2020.

Website: *Tes*
Disponível em: <http://www.tes.com>
Acesso em: 20 de dezembro de 2020.